

A questão da verdade em Heidegger a partir do parágrafo 44 de “Ser e Tempo”

Heidegger’s question about the truth whereof §44, “Being and Time”

Rosane Alves de Abreu
Mestranda do PPGF- UFRJ

Resumo: O texto se baseia na leitura do parágrafo 44 de “Ser e Tempo” em que Heidegger disserta acerca da verdade, explicitando sobre o conceito tradicional de verdade e mostrando que antes dele existe um conceito originário, *aletheia*, o desvelamento. A discussão deve sempre manter viva para a “evolução” da questão.

Palavras-chave: Verdade; Desvelamento; Ser; Pre-sença.

Abstract: The text consist of lecture paragraph 44 of “Being and Time”, where Heidegger rights about the truth explaining the traditional concept of truth and indicating an earlier concept, the original concept, *aletheia*, unveil. That discussion have to keep alive to the question “evolution”.

Keywords: Truth; Unveil; Being; Dasein.

Introdução

Olhando ao nosso redor nos vemos perdidos dentro de conceitos e lições que nos são dadas desde antes de virmos à vida. Nascemos, crescemos, continuamos as nossas vidas como se nada fosse um completo mistério, como se tudo que está ao nosso redor já viesse com uma explicação sensata e inquestionável. Vivemos em uma passividade de causar angústia a qualquer pessoa mais consciente de si mesma. São raros os momentos em que realmente paramos para pensar sobre tudo o que acontece a nossa volta. Às vezes é muito mais fácil não se preocupar com estas questões, porque a vida corre de maneira tranquila, sem grandes conflitos e com a sensação de que estamos fazendo aquilo que todos fazem, então isso deve ser o certo. Será mesmo? Escolher o caminho mais rápido, mais passivo, o mais fácil é realmente a melhor opção? De fato este caminho será mesmo mais fácil? Esta é maneira mais confortável, pelo simples fato de ser um modo corriqueiro, usual, mas não exatamente o mais fácil, desprovido de qualquer dificuldade, nem mesmo o mais feliz.

A partir do momento em que paramos para refletir sobre um assunto específico, o mais ordinário que seja, iremos ver que ele não é tão simples assim. Um bom exemplo é que não costumamos nos perguntar, o que é a verdade. A todo o momento nós pedimos que as pessoas nos falem a verdade, ou que sejam verdadeiras, que sigam a verdade, mas, afinal, o que é essa verdade que tanto se fala, que tanto se pede e que ninguém sabe conceituá-la, dizer o que significa (quando isto é requisitado)? Será que verdade tem mesmo um conceito determinado e fechado, não pode ser questionado? Ou um mesmo conceito de verdade é aquele que sempre existiu e imperou?

Heidegger é um dos filósofos que tenta responder esta questão, que tenta mudar este rumo que as coisas começaram a tomar (um viés de passividade frente aos assuntos corriqueiros que poderiam ser questionados de melhor maneira). Ele fala a respeito da verdade em toda sua filosofia, verdade, para ele, é um assunto importante e por isto sempre citado e remetido a algum outro assunto. Em cada conceito encontrado em seus estudos conseguimos perceber uma relação com a questão da verdade, da *alethéia*, da verdade como desvelamento, a verdade originária.

O método usado pelo autor para obter seu objetivo, de dizer o que é a verdade originária, começa pela apresentação do problema de como a verdade é relacionada ao ser desde há muito tempo na tradição da filosofia, sem pretensão de fazer uma história do conceito de verdade. Ele passa por alguns filósofos para indicar sobre como eles poderiam ter percebido esta questão de uma outra maneira, mas não para elencar um caminho seguido por tal conceito e que agora se dá deste modo pela tradição ou não. Em seguida, explicita porque a verdade da qual ele trata, *alethéia*, é ligada ao ser. Ela não é uma teoria do conhecimento ou do juízo e também não é algo “coisista”, que pode ser achado ou mesmo prendido em um lugar que está acessível a qualquer momento. Diante disso, Heidegger, para tentar explicar a relação do ser com a verdade, expõe a verdade como uma problemática ontológica fundamental, tenta entender como esse fenômeno estabelece relação com o ser do homem, a pre-sença.

A exposição do assunto se dá mais explicitadamente no parágrafo 44 de Ser e Tempo, em que Heidegger explora o conceito tradicional de verdade, o seu conceito de verdade originária, a derivação de verdade como correspondência da verdade originária e a

relação do ser com a verdade. Neste trabalho nos debruçaremos de maneira rápida sobre estes aspectos.

Verdade como concordância

Concordar é estar de acordo com alguma coisa, é dizer que algo, por exemplo, uma sentença está adequada, coerente com aquilo a que ela se refere. Quando concordamos com o que alguém diz é porque o que este alguém disse é igual ao que nós pensamos ou é coerente à realidade. Podemos dizer o mesmo da verdade como concordância, correspondência ou de acordo. Este conceito de verdade parte do pensamento que aquilo que é verdadeiro é o que tem correspondência com a sua natureza, sua realidade.

O modo como se dá esta concordância para Heidegger e como ela é demonstrada pela tradição são perspectivas diferentes. O fato de haver elementos separados já é um ponto de desacordo entre a visão heideggeriana e a tradicional. Separar juízo e objeto, real e ideal, sujeito e objeto, para nosso filósofo esse seria um ponto de partida que é descabido, tanto que esta questão paira no ar há milênios. Talvez a pergunta esteja mal formulada, a análise deveria encontrar outro modo de começar, porque da maneira que está sendo posta ainda não conseguiu se chegar a nenhuma conclusão. Talvez, o grande equívoco esteja mesmo em separar sujeito de objeto, real de ideal. Esta disjunção não facilita em nenhum aspecto a responder como se dá o conhecimento, como é o seu modo de ser, nem mesmo ajuda a mostrar como o fenômeno da verdade se mostra. Podemos dizer que esta questão é um obstáculo na identificação da verdade, pois distancia aquilo que é do seu próprio, não deixa a verdade se realizar do jeito que ela deveria.

Realidade não é algo que acontece fora de nós, não é algo apartado, pelo contrário, é aquilo de que participamos sem uma relação de dentro e fora da própria natureza, ela não tem uma independência do “sujeito”. Podemos entender esta realidade, que Heidegger nos diz, do mesmo jeito que os gregos entendiam a *phýsis* (natureza). A natureza para os pensadores gregos era tudo que estava a volta deles, incluindo eles mesmos. Natureza era a totalidade do mundo, não se dividia natureza humana e natureza “ambiental” (como entendida atualmente, vemos mais natureza como florestas, campos,

todas as coisas que nos remetem ao verde, a plantas). Visto isto, não seria certo separar sujeito de objeto ou real de ideal. Estes elementos têm uma união que os deixa sendo o mesmo, isto é, objeto não existe sem o sujeito, pois eles são a mesma coisa.

Como podemos afirmar que a verdade se manifesta no conhecimento? Quando dizemos que o conhecimento é verdadeiro. Isto indica que o fenômeno da verdade se mostra no conhecimento como verdadeiro e que isso só pode ser verificado por si mesmo, ou seja, “é a própria verificação de si mesmo que lhe assegura a sua verdade” (HEIDEGGER, 2005, p. 285). O conhecimento faz por ele próprio a averiguação se ele é verdadeiro ou não. Utiliza a concordância entre a proposição e a coisa indicada na proposição, assim mostrando que esta proposição é verdadeira. Por exemplo, ao se dizer que a letra nesta folha de papel branca é preta, o conhecimento, por si mesmo, verifica que a proposição é correta ao visualizar essa folha de papel escrita em letras pretas. Ele averiguou por meio dele esta constatação.

Nessa verificação o que se examina é a concordância entre o conhecido e a coisa? No nosso exemplo a coisa é a tinta preta. Certamente que sim, se entendermos o conhecido sem sentido de representação, se esta representação remeter ao aspecto psíquico ou apenas imagético. A única interpretação que interessa é a que dirige a “representação” ao real, à coisa referida, ou para nós, à tinta preta. A proposição, em seu sentido mais próprio, deve visar apenas àquilo que designa, isto é, à coisa real. “A proposição é um ser para a própria coisa que é” (HEIDEGGER, 2005, p. 286). Com esta conclusão vemos que a proposição não trata de uma concordância com o juízo para se chegar à verdade. A percepção que antes tinha papel fundamental no conceito de correspondência, vemos aqui, que ela somente mostra que o ente era visado este tempo todo. O conhecimento verificando a si mesmo remete apenas ao ente. O ente, seguindo seu caminho, mostra a si mesmo como ele é, revela-se aí o ser-descobridor. Ele mostra a si próprio sozinho, sem depender de nenhuma relação, de nenhuma concordância. Baseado nisto, podemos afirmar que o ente se confirma, pois confirmar é mostrar a si mesmo. Isso se dá porque o conhecimento como proposição e confirmação se realiza como seu ser para a própria coisa real.

Então chegamos à conclusão que a proposição verdadeira é aquela que descobre o ente em si mesmo, revela o ser e o estar descoberto do ente. Por isso, verdade não pode ser considerada como aquela que acorda conhecimento com objeto. A verdade está relacionada mais estritamente à pre-sença, que possibilita a estrutura do ser-descobridor, do deixar-ser. E é através desta que alcançamos o fenômeno originário da verdade.

Verdade como *alethéia*

O *lógos* se mostra a partir do que ele já é, isto quer dizer, apofântico. E apofântico, por sua vez, significa desvelamento a partir de [algo], deixar e fazer ver, *alethéia*. Esta é a verdade originária, aquela que descobre o que está velado, que traz à tona o que estava encoberto. Desvelamento não é apenas tirar um véu ou uma cobertura de algo e assim “achá-lo”, “revelá-lo” para quem o tirou, desvelar como verdade significa que se consegue perceber o que se apresenta do jeito que a coisa é. O ser-verdadeiro é o ser-descobridor, pois com a descoberta dos entes, com o desvelamento deles chegamos à verdade primeira, que não é concordância. A verdade como concordância, tendo sua gênese na proposição, não abarca todo o sentido que verdade realmente tem, a limita ao âmbito do juízo e a “aprisiona” nele. A verdade entendida deste modo tradicional torna-se superficial, sem um aprofundamento necessário, ela fica delimitada dentro de um pequeno âmbito de proposições já dadas e expandidas sem a menor investigação. A tradição, ao não se aproximar da verdade originária, a transformou em universal e vazia. A verdade como concordância tem o seu valor, não é algo a ser extinto, mas deve se saber que a verdade originária resgata determinados aspectos que nos faltam hoje.

Alethéia, dita como “verdade”, perde muito do seu real significado, o desvelamento. Heidegger defende que a filosofia tem como ofício “preservar a força das palavras mais elementares” (2005, p.288), pois as palavras têm em si mesmas suas experiências, e se elas passarem a meros instrumentos de comunicação sem reflexão elas perderão o seu sentido próprio. Daí defender o sentido primordial de *alethéia*, não como afronta ou diminuição da importância da tradição, mas também para conseguir indicar que a verdade como concordância deriva da verdade originária, *alethéia*. Um exemplo simples, e não por

isto menos esclarecedor, seria que ao ler este artigo o leitor não ache que as palavras aqui contidas possam estar claras e entendíveis, mas ao ler novamente este mesmo artigo o leitor consiga lembrar-se de alguma coisa que acrescente o conteúdo e comece a achá-lo claro. Desvelar é este *insight*, esta compreensão ou entendimento sobre algo que não se estava enxergando como realmente é e de repente esta coisa passa a se apresentar diretamente, e pode ser através de um “esforço” maior ou de um exercício para melhor ver o que se está a sua frente.

Vendo que a verdade é desvelamento daquilo que está velado, percebemos que o ente sempre se encobre, porque ele só mostra a si mesmo quando remetido pelo conhecimento. A proposição é que mostra o ente como ele é, quando ela é descoberta. Esse constante velamento do ente não pode ser encarado como algo prejudicial, porque é natural do ente ser assim. Heráclito já mencionou este caráter antes em seu fragmento: “a natureza ama esconder-se” (TEMISTIO, *Oratio v*, p.69). A natureza tem esta constituição, mas nunca o “jogo” de encobrir-se e desencobrir-se, pois mesmo quando se oculta ela acaba se revelando, se mostrando como é.

Costumamos encarar o esquecimento como alguma coisa ruim, que apenas nos atrapalha, mas a vida se dá justamente neste ciclo de esquecer e retomar aquilo que se esqueceu, de não se prender a determinadas coisas que não devem ser desveladas em certos momentos. Vendo o fragmento heraclítico citado acima, o esquecimento aqui pode ser visto como o esconder-se, encobrir-se, o velar-se que faz parte da essência do homem e da natureza e que, desse modo, não pode ser encarado, entendido como algo prejudicial. Temos que aprender a enxergar o esquecimento com naturalidade, como algo que acontece por ser assim que é. O homem, por exemplo, se caracteriza por ser um ente histórico, que carrega e, de certo modo, herda seus fatos, mas isto não significa que esquecer atrapalhe o homem a ser homem. Com o esquecimento ele pode voltar e buscar novamente aquilo a que se propôs, talvez de maneira melhor que o fez da primeira vez.

A verdade, ser-verdadeiro, desempenha uma relação estrita com a pre-sença, tanto que ela é um modo de ser da pre-sença enquanto ser-descobridor, descobrimento. É assim que a verdade originária aparece, como Heidegger ressalta, “os fundamentos

ontológico-existenciais do próprio descobrir é que mostram o fenômeno mais originário da verdade” (HEIDEGGER, 2005, p. 288). É na descoberta, no desvelar-se que a verdade se dá, se mostra, aparece. A pre-sença exerce a ação de descobrir, mas a verdade se revela é pela descoberta, o ser-descoberto.

Derivação da verdade como concordância de verdade originária

Já discutimos o que é a verdade como concordância e chegamos à conclusão que é a verdade como a entendemos tradicionalmente, a correspondência entre o juízo e seu objeto. Mais adiante expusemos a verdade originária, *alethéia*, e a consideramos como sendo desvelamento, descoberta daquilo que se vela mas que também se mostra. Agora cabe a esta investigação discutir porque a verdade originária se “transformou” em concordância: demonstrar o caráter derivado da verdade como correspondência.

O ente é desvelado na proposição que se mostra desvelante, desde que desempenhe o papel de deixar o ente aparecer. É na proposição, também, que a pre-sença se revela como ser-descobridor diante do ente descoberto. Como a proposição é que transmite o desvelamento dos entes, é a pre-sença que, pela percepção, entende esta comunicação e carrega consigo a posição de ser-descobridor, isto em referência ao ente que está sendo discutido. Por este fato, vemos que a descoberta permanece no que é pronunciado, logo, o que foi descoberto tem sua preservação justamente onde foi descoberto, na proposição pronunciada. Diante disso, o pronunciado passa a ser um manual intramundano, uma coisa. Porque resguarda o que já foi descoberto é que se torna uma coisa, pois agora pode ser repetido e propagado, e sempre trará uma remissão sobre o ente ao qual toda proposição se pronuncia. Por causa disso tudo, a pre-sença passa a se ver dispensada de realizar o descobrimento de todas as proposições, este processo torna-se algo “mecânico”. Por exemplo, constata-se que a Terra é redonda. Desde a antiguidade já desconfiavam que a Terra não era plana e sim redonda, mas como “os olhos” não conseguiam enxergá-la como uma esfera, essa tese era descartada. Mas por meio da matemática, da física e da astronomia, podemos dizer que, até mesmo antes de Tales de Mileto, cálculos eram feitos neste intuito [demonstrar que a Terra é redonda]. Tais estudiosos não foram levados a sério na maior parte do tempo, porém seus estudos ajudaram, principalmente, na evolução da navegação, além de ajudar a

entender melhor nosso planeta. Com isso, percebemos que para chegar a esta constatação, simples para nós do século XXI, foi preciso todo um processo de desvelamento por parte de quem estudou, pois não era algo de fácil compreensão e nem comum a época. Depois de todo este processo feito, se dissermos para alguém que a Terra é redonda, e esta pessoa tomar esta informação como algo verídico, ela não vai se importar em verificar por si mesma se a Terra é ou não redonda, ela vai propagar esta informação e outras pessoas vão fazer o mesmo, logo todos saberão que a Terra é redonda sem ter feito o desvelamento disto sozinhas, será algo transmitido pela preservação da descoberta no pronunciado. O que se pronuncia vira uma coisa, tratada como tal. É mais ou menos isto que as ciências fazem.

Devido a todo esse processo, a pre-sença não se coloca mais diante dos entes como sendo tocado, afetado originariamente. A descoberta não é mais feita por cada descobrimento próprio, ela passa a ser do âmbito do impessoal, do ouvir dizer. Este impessoal assume o papel do ser-descobridor que mostra o ente na sua descoberta. Como este ente deve ser relacionado à sua descoberta, sua proposição tem que ser verificada enquanto proposição descobridora, mas a proposição pronunciada, que vemos neste momento, deve ser verificada pela remissão que faz com o ente da proposição que preserva a descoberta. Esta proposição pronunciada é também um manual, uma coisa que carrega consigo uma remissão e não um descobrimento. Aqui tanto a proposição quanto o ente são coisas, ou seres simplesmente dados, eles passam a se mostrar desta maneira. A remissão é uma relação entre esses dois (ente e proposição), que se funda no fato de que a descoberta sempre é descoberta de alguma coisa – essa descoberta é aquela que é preservada na proposição. Portanto a remissão torna-se uma relação entre seres simplesmente dados, por isto ela também vira um ser simplesmente dado. Ou seja, a descoberta de alguma coisa transforma-se em conformidade de algo simplesmente dado com algo simplesmente dado. Isto quer dizer que a conformidade começa a ser a relação entre estes seres, porque a partir do momento que os elementos da relação forem vistos, cada vez mais, como seres simplesmente dados, a remissão se torna concordância simplesmente dada entre estes elementos.

Voltando ao exemplo acima, para melhor explicar o que foi dito nesse parágrafo, quando dizemos a alguém que a Terra é redonda

e assim esta proposição é difundida a outras pessoas, sem a menor investigação, esta proposição perde seu caráter desvelador. Não mais se tem a descoberta por experiência própria, a descoberta, uma vez já “feita” passa a ser propagada como algo banal, adquire aspecto de impessoal, de sujeito indeterminado: o fato de terem dito que a Terra é redonda, por exemplo. O ente é apresentado (já desvelado), a proposição preserva seu desvelamento e, por isso, seu significado é transmitido sem a menor experiência particular, sem preocupação alguma em verificar se aquilo apresentado realmente se desvela daquele modo. Agora a importância está em saber se este enunciado se remete ao ente já posto em voga. Dentro do exemplo, a questão se enfoca na frase “A Terra é redonda” e se esta referência confere com a coisa. Este enunciado é visto apenas como uma coisa que necessita de uma realidade fora de nós para comprovar a sua validade ou falsidade. A verdade não é mais desvelamento, ela transformou-se em concordância entre os termos da relação em questão e a coisa.

Relação do ser com a verdade

Já o ente se revela na abertura, e isso acontece por causa de sua ligação com a pre-sença, ou melhor, porque a pre-sença é a abertura. A abertura pertence à constituição da vida do homem, da vida (*bios*). Os entes se mostram ao homem como entes, isto é, as coisas se mostram como coisas, e somente aos homens, pois os animais, por exemplo, não os percebem deste jeito. Se a abertura é fundamento da pre-sença e o ente só se revela ao homem, isto indica que o ente aparece apenas na abertura.

“Com ela [abertura da pre-sença] e por ela é que se dá descoberta. Por isso, somente com a abertura da pre-sença é que se alcança o fenômeno mais originário da verdade” (HEIDEGGER, 2005, p. 289). Essa passagem afirma o caráter descobridor que a abertura tem. É na abertura e por causa dela que os entes são desvelados e se mostram como são. A abertura é o poder-ser a possibilidade de ser, é a possibilidade de possibilidade, é o que indica ao homem que ele sempre esteve, está e estará na vida, que a pre-sença se antecede a si mesma. Abertura, como a própria palavra já diz, é estar aberto para um “mundo” de possibilidades, é já estar inserido neste “mundo” e, mesmo assim, continuar se abrindo para ele. O homem também é uma possibilidade de ser, tem a capacidade de ser

tomado por algo, ele é pré-disposição. Esta é uma condição do homem, estar na abertura desde sempre, por isso que a pre-sença é abertura, porque ela se abre e descobre o que está se abrindo. Daí entendermos que a pre-sença é “verdadeira”, mais ainda, “a pre-sença é e está ‘na verdade’” (HEIDEGGER, 2005, p.289). Se a verdade se dá através, por meio da abertura, e a pre-sença é abertura, conseqüentemente, a pre-sença também é e participa da verdade. Esta é a relação estrita entre pre-sença e verdade. Um interliga o outro, sem a pre-sença não há verdade. Mas para melhor explicar a questão da pre-sença ser e estar na verdade, Heidegger indica quatro determinações: a abertura, o estar-lançado, o projeto e a de-cadência.

A abertura, já mencionada acima, junto com a pre-sença desperta o ente de seu velamento. Mas a abertura, mesmo com sua característica descobridora, é dada por algo feito e isto mostra que o homem é jogado no mundo, não tem idéia de como nem de onde veio, quando se percebe já é, já está. O estar-lançado faz parte da estrutura da abertura, é por isso que a pre-sença sempre está e já esteve na abertura, ela é lançada ao mundo com certas determinações que encontramos na abertura. Como a pre-sença está e é desde sempre abertura, também podemos dizer, que ela antecede a existência, ela é projeto.

Projeto, como aqui referido, não se trata de planos, de projeto de vida, como nós falamos usualmente. A pre-sença é projeto porque é lançada para frente, é jogada, é antecipação do que sempre foi, do que aconteceu. O homem já está lançado neste mundo de descobrimentos, de possibilidades, ele antecede até mesmo ser homem. Vemos, neste caso, uma estrutura *a priori*, é pré-ocupação. A pre-sença antes de vir a ser um determinado número de coisas, de ter suas características dentro deste mundo que passa a viver, ela já tem uma ocupação prévia do que ela é. Esta característica de antecipação frente ao mundo é uma condição de possibilidade do ser do homem. Por causa disso que a pre-sença se abre para si mesma, pois isto está no seu modo próprio de ser, é o seu poder-ser. Diante disso, vemos que dentro da sua abertura a pre-sença mostra o fenômeno da verdade originária na sua maneira mais primordial, desvela a si mesmo a partir do seu modo próprio de ser.

Porém, mesmo a pre-sença se desvelando a si própria, quando ela se descobre dentro de seu mundo, ela pode perder seu caráter

originário de verdade, passa a estar inserida numa impessoalidade de maneira natural. Por causa do falatório, da opinião pública o homem começa a propagar o que lhe foi dito do mesmo modo que lhe foi informado, e assim o que se descobre deturpa-se. A deturpação acontece pelo impessoal, pelo “disseram”, pelo sem sujeito, as coisas são passadas sem um processo de desvelamento e assim se velam. Desse modo, o ente que se mostra passa a se encobrir, mas não se encobre totalmente, pois no momento em que está se velando descobre um outro desvelamento, entretanto, não aquele originário que já havia se dado. Ele está sempre distraído, ao mesmo tempo em que é velamento é desvelamento e vice-versa. Essa simultaneidade mostra que seu projeto pode se alterar. O homem se encontra nessa constante “instabilidade”, nessa queda, nessa perda de tensão, nesse afrouxamento que depois torna a se apertar. Isto é a de-cadência. Ela se refere à perda de ritmo autêntico da vida, do seu modo natural. O homem não mais se comporta como homem genuinamente, ele passa a se deturpar de sua autenticidade. Daí Heidegger dizer que a pre-sença é e está, também, na “não-verdade”, pois ela é por excelência de-cadente. Não-verdade não pode ser entendida como o oposto de verdade, ou seja, falsidade; não há nenhum caráter valorativo, negativo ou positivo, nesta expressão, ela apenas indica o encobrimento. Logo, assim como o desvelamento se dá pela presença, o encobrimento a faz também, porque, proporcionalmente, quando a pre-sença se descobre ela se deturpa, do mesmo modo que ela desencobre os entes ela também os encobre.

Vida é isso, é um ciclo, é a capacidade de retomada, de sempre se reconquistar o que foi perdido. É porque há distração que temos a atenção, é devido ao velamento que temos o desvelamento. A vida é esta tensão, este embate entre extremos que sempre mantém a cadência, o ritmo.

Por este motivo que a pre-sença tem que se assegurar da descoberta que é feita dos entes, senão as descobertas começam a ser feitas a partir do lugar errado, da aparência, da deturpação. A presença deve salvaguardar sua descoberta para que outra descoberta, a realizada através do não completo velamento, venha a se tornar o real desvelamento, isto é, não deixar que a descoberta feita a partir da aparência transforme-se na verdade. Porque do dado é que retomamos e chegamos ao modo de fazer originário, para assim criarmos e

também recriarmos. A verdade deve “ser tirada” primeiramente do ente e não da deturpação, para assim ser *alethéia*.

Cabe aqui um pequeno esclarecimento sobre porque a verdade somente “se dá” enquanto a pre-sença é. Voltamos ao caso da relação estrita entre verdade e pre-sença. É importante salientar que antes e depois da pre-sença não tinha nem terá verdade, pois a verdade precisa da pre-sença para ser na abertura, no descobrimento, sem a pre-sença a verdade nada é. Não é verdade nem falsidade e não é por isto que também poderia haver uma degradação do ser-descobridor das verdades. Então, ao dizer que há “verdades eternas” deve-se tentar demonstrar a eternidade da pre-sença também, porque somente quando conseguir chegar a resposta que a pre-sença foi, é e será que poderá haver “verdades eternas”. Sem pre-sença não há verdade.

Então, podemos ainda concluir, que o ser só “se dá” porque a verdade é. Assim como a verdade só é enquanto a pre-sença é. Logo, ser e verdade são de modo igualmente originários. Ambos dependem da pre-sença para poder “ser”, eles têm vínculos, fundação iguais, pois são a partir e na abertura da pre-sença.

Conclusão

Diante de toda esta discussão acerca da verdade, podemos entender que Heidegger quis nos mostrar que a verdade, ou como ele diz, *alethéia*, perdeu seu valor originário e que devemos resgatá-lo em determinados momentos. Com a verdade originária conseguiríamos atingir um modo maior de nos expressar do que o que temos com a verdade como concordância. Ou seja, a verdade como correspondência nos possibilitou uma maior divulgação do conhecimento já adquirido, ajudou na comunicação entre vários interlocutores, porém ela “implementou” um certo vazio na fala, ela tornou-se falatório. O caráter impessoal que a verdade como adequação trouxe a nós fez com que os discursos tomassem uma proporção muito universal, generalista. Não temos mais o cuidado de descobrir por nós mesmos as coisas que nos rodeiam, que fazem parte de nosso cotidiano. Passamos passivos e fechados pela vida com nossos conceitos pré-adquiridos e em momento algum refutamos ou paramos para refletir sobre eles. Salvo alguns casos de pessoas que se incomodam com esta questão e tentam por si mesmas chegar a algum desvelamento, ao que Heidegger nos diz, verdade originária.

A importância da *alethéia* não diminui a relevância da verdade como concordância, tanto que esta deriva da verdade como desvelamento, entretanto, é preciso entender que quando ocorre o desvelamento as coisas se mostram a nós como elas realmente são, mesmo depois se velando. A vida é esta tensão, é esta guerra de opostos que se harmonizam, como encontramos nos fragmentos de Heráclito, exemplos, fragmento 8: “Heráclito (dizendo que) o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia”¹. Também fragmento 51: “Não compreendem como divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira”². A vida é esta incessante luta entre o que aparece e o que se esconde, entre o que é e o que não é, é este equilíbrio entre partes que parecem se anular, mas, na verdade, se complementam.

Saber conceituar a verdade tem importância diretamente ligada a saber utilizá-la da melhor maneira. Cabe a cada um ter o discernimento, avaliar qual o melhor caminho a ser seguido, mas que este caminho seja tomado com conhecimento.

Referências Bibliográficas:

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo (Parte I)*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS, Heráclito. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

¹ARISTOTELES, *Ética a Nicomaco*, VII, 2. 1155 b 4.

²HIPOLITO, *Refutação*, IX, 9.